

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO BIBLIOTECONOMIA

Heloísa Macedo Lima

Análise do Acesso, Uso e Disseminação da Informação sobre Capoeira: Um Estudo de Caso
no Grupo Chapéu de Couro

Recife

2024

Heloisa Macedo Lima

Análise do Acesso, Uso e Disseminação da Informação sobre Capoeira: Um Estudo de Caso
no Grupo Chapéu de Couro

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia.

Professor Dr. Erinaldo Dias Valério

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Heloisa Macedo.

Análise do Acesso, Uso e Disseminação da Informação sobre Capoeira: Um Estudo de Caso no Grupo Chapéu de Couro / Heloisa Macedo Lima. - Recife, 2024.

37 p. : il.

Orientador(a): Erinaldo Dias Valerio

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Biblioteconomia, 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. capoeira. 2. busca da informação. 3. acesso da informação. 4. uso da informação. 5. disseminação da informação. I. Valerio, Erinaldo Dias. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Análise do Acesso, Uso e Disseminação da Informação sobre Capoeira: Um Estudo de Caso no Grupo Chapéu de Couro, Recife/PE

HELOÍSA MACEDO LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, apresentado no Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

TCC aprovado em 17 de outubro de 2024

Banca Examinadora:

ERINALDO DIAS - Orientador(a)
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

HÉLIO MÁRCIO PAJEÚ - Examinador(a) 1
Universidade Federal de Pernambuco - DCI

ÉDLA BARBOSA DE SANTANA – Examinador(a) 2
PPGCI/UFPE

ARTHUR HENRIQUE FEIJÓ DE ALMEIDA – Examinador(a) 3
PPGCI/UFPE

RESUMO

O presente trabalho busca analisar os processos de busca, acesso e uso de informações sobre Capoeira no Grupo Chapéu de Couro, localizado no bairro da Várzea, em Recife/PE. Reconhece-se que a capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que combina arte marcial e música, e é amplamente transmitida por meio da oralidade. Entre os objetivos específicos destacam-se a identificação dos/as participantes do grupo de Capoeira Chapéu de Couro; o mapeamento das ações desenvolvidas no grupo de capoeira analisado; a análise de como o grupo busca, acessa e usa a informação sobre a capoeira e verificação de como grupo estudado dissemina informações sobre a capoeira. O trabalho foi realizado através de uma pesquisa exploratória qualitativa, utilizando-se de documentos, tais como dissertações e teses, e coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com dez participantes do grupo. Conclui-se que, embora os meios digitais, especialmente as redes sociais, tenham se tornado as principais ferramentas de busca e disseminação da informação, a oralidade ainda desempenha um papel fundamental no grupo, mantendo assim uma tradição secular. Essa combinação de tradições antigas com as novas tecnologias evidencia a capacidade dos capoeiristas de adaptar-se ao contexto atual sem abandonar suas raízes culturais. Nas considerações finais, conclui-se que o grupo Chapéu de Couro mantém uma dinâmica de acesso e disseminação de informações que equilibra as práticas tradicionais com o uso de novas tecnologias.

Palavras-chave: Capoeira – Chapéu de Couro; busca, acesso e uso da informação; Pernambuco – Capoeira.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the processes of searching, accessing and using information about Capoeira in the Chapéu de Couro Group, located in the Várzea neighborhood, in Recife/PE. It is recognized that capoeira is an Afro-Brazilian cultural manifestation that combines martial art and music, and is widely transmitted orally. Specific objectives include identifying the participants of the Chapéu de Couro Capoeira group; mapping the actions developed in the capoeira group analyzed; the analysis of how the group searches, accesses and uses information about capoeira and verification of how the studied group disseminates information about capoeira. The work was carried out through qualitative exploratory research, using documents, such as dissertations and theses, and data collection carried out through semi-structured interviews with ten group participants. It is concluded that, although digital media, especially social media, have become the main tools for searching and disseminating information, orality still plays a fundamental role in the group, thus maintaining a centuries-old tradition. This combination of ancient traditions with new technologies highlights the ability of capoeiristas to adapt to the current context without abandoning their cultural roots. In the final considerations, it is concluded that the Chapéu de Couro group maintains a dynamic of access and dissemination of information that balances traditional practices with the use of new technologies.

Keywords: Capoeira – Chapéu de Couro; search, access and use of information; Pernambuco – Capoeira.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Jogar capoeira ou Danse de la Guerre, de Johann Moritz Rugendas, cerca de 1835	14
Imagem 2	Charge de janeiro de 1878 na revista <i>O Mequetrefe</i> , mostra Duque-Estrada Teixeira negociando com a malta “Flor da minha gente”	16
Imagem 3	Capa de Gymnastica Nacional (capoeiragem) methodizada e regrada (1928)	20
Imagem 4	Mestre Bimba	21
Imagem 5	Mestre Pastinha	24
Imagem 6	Ilustração de Carybé	26
Imagem 7	Cartaz do 1º batizado do grupo Chapéu de Couro 1989	31
Imagem 8	Apresentação do grupo Chapéu de Couro no Marco Zero 2004	31
Imagem 9	Apresentação do grupo Chapéu de Couro no Festival de Inverno da Várzea 2015	32
Imagem 10	Batizado grupo Chapéu de Couro Julho de 2016	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Identidade de gênero	28
Gráfico 2	Faixa etária	29
Gráfico 3	Cor/raça dos entrevistados de acordo com o IBGE	29
Gráfico 4	Alfabetização	30
Gráfico 5	Busca, uso e acesso à informação	32
Gráfico 6	Disseminação da informação	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
2.1	LEVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO	11
2.1	PESQUISA DE CAMPO	11
2.3	ANALISE DE DADOS	11
3	CAPOEIRA: APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS	13
3.1	RIO DE JANEIRO	13
3.2	SALVADOR	16
3.3	RECIFE	18
3.4	A CAPOEIRA NO SÉCULO XX	19
4	ANÁLISE DE DADOS	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA	36

1 INTRODUÇÃO

A história da capoeira é controversa e incerta, existindo muitas versões e hipóteses, todas difíceis de comprovar, uma vez que os primeiros registros históricos confiáveis a seu respeito só surgiram no século XVIII, 200 anos após o que se acredita ser a data de sua criação. Alguns acreditam ter nascido na Bahia e outros em Pernambuco, inspirada em uma forma de combate ritual chamada N'Golo ou Engolo, praticada até hoje no sul de Angola. O nome seria derivado do tupi *ka'apûera*, que significa 'o que foi mata', outras fontes sugerem que o nome surgiu de cestos de mesmo nome que as pessoas escravizadas usavam para transportar galinhas para vender nas feiras. (IPHAN,2014)

A capoeira se desenvolveu mais notavelmente nos estados brasileiros da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em Pernambuco, particularmente, a capoeira desempenha um papel de destaque na história, cultura e memória afetiva do estado, sendo a Roda de Capoeira declarada patrimônio cultural imaterial do estado em 2008 e 10 anos depois a Capoeira em si foi agraciada com o mesmo título. Além disso, atribui-se à capoeira a responsabilidade por ter originado os passos de Frevo, dança símbolo do carnaval recifense, em meados do século XX.

Apesar de sua importância, não existe muita literatura a respeito da capoeira, sobretudo sobre a capoeira em Pernambuco, uma vez que o conhecimento na capoeira sempre se disseminou de forma oral, porém, vivendo em um mundo conectado e globalizado, é inevitável que se busque informação por outras fontes, como por exemplo a internet, e os capoeiristas não são exceção, em vista disso surgiu a indagação: de que forma os praticantes de capoeira modernos buscam, acessam e usam informação? Para responder essa pergunta foi realizado um estudo de caso em que o objeto de estudo foram os membros do grupo de capoeira Chapéu de Couro, localizado no bairro da Várzea, na cidade do Recife/PE, com o objetivo de analisar o processo de busca, uso e acesso da informação sobre capoeira no grupo supracitado. Os objetivos específicos foram identificar quem são os/as participantes do grupo de Capoeira Chapéu de Couro; mapear as ações desenvolvidas no grupo de capoeira analisado; examinar como o grupo de Capoeira Chapéu de Couro busca, acessa e usa a informação sobre a capoeira e verificar como grupo estudado dissemina informações sobre a capoeira.

A escolha do tema se deu pela paixão da autora pelo assunto, sendo ela mesma praticante da capoeira por quase uma década, além disso, a capoeira é, desde 2014, patrimônio cultural imaterial da humanidade, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura(UNESCO), pelo seu valor cultural, e sua

importância na resistência à opressão ao longo da história de nosso país, além disso, também faz parte da memória histórica, afetiva e cultural do Recife, sendo inclusive responsável pelo surgimento do Frevo (Passo), símbolo maior do Carnaval recifense, sendo, portanto um tema de extrema relevância, porém muito pouco pesquisado, especialmente sob a ótica da ciência da informação, e esse trabalho busca remediar um pouco essa defasagem.

O trabalho foi dividido em seções, sendo estas os procedimentos metodológicos, capoeira: apontamentos introdutórios, análise de dados e as considerações finais. Nos procedimentos metodológicos é explicado que o tipo de pesquisa aplicada foi uma pesquisa exploratória qualitativa, dividida em três etapas: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e análise de dados. A seção seguinte são os apontamentos introdutórios onde é feita uma contextualização histórica da capoeira desde o século XIX até os dias atuais, a fim de introduzir e situar o leitor a respeito do tema da pesquisa. Na seção subsequente é feita a análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo, e por fim as considerações finais, onde serão expostos os resultados e é possível verificar que objetivos da pesquisa foram atingidos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, o estudo se caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza exploratória e abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender os processos de busca, acesso e uso da informação sobre Capoeira no Grupo Chapéu de Couro, em Recife/PE. Segundo Creswell (2007):

A pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. (Creswell,2007, p.188)

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: Levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e análise dos dados.

2.1 Levantamento bibliográfico

A primeira etapa consistiu em um levantamento da bibliografia e a análise de documentos que buscou embasar teoricamente o estudo. Foram consultados documentos acadêmicos como dissertações, teses e artigos obtidos em repositórios institucionais, como o Portal de Periódicos CAPES, SciELO, além de livros e outras fontes relacionadas ao tema. Esse levantamento visou produzir uma base teórica sobre a história e práticas da Capoeira, com foco especial na disseminação de informação no contexto dessa manifestação cultural.

2.2 Pesquisa de Campo

A segunda etapa envolveu a realização de uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com os membros do grupo Chapéu de Couro, para se fazer um registro de suas experiências, ensinamentos e aprendizados, buscando entender quais são suas principais fontes de informação a respeito da capoeira e como é utilizada essa informação; essas entrevistas foram realizadas presencialmente de forma escrita ao longo do ano de 2023(ver Apêndice A),e as respostas coletadas foram transcritas no programa Google forms para gerar os gráficos utilizados nesse trabalho. O roteiro das entrevistas foi composto por perguntas abertas e fechadas, distribuídas em três blocos temáticos: perfil dos entrevistados, fontes de informação utilizadas e formas de disseminação do conhecimento sobre a Capoeira. Essa abordagem permitiu captar a visão subjetiva dos participantes, bem como entender suas práticas de busca e uso da informação.

2.3 Análise dos dados

A terceira etapa foi a análise dos dados obtidos através das entrevistas. Esse processo consistiu em identificar quem são os membros do grupo chapéu de couro, suas idades, realidades, como vivem, etc. Além disso, também foram identificadas categorias e temas

recorrentes relacionados à busca, uso e disseminação da informação. Após isso, foi realizado o mapeamento das ações que se desenvolvem dentro do grupo referentes à busca, acesso e uso da informação relacionada à capoeira, em termos de transmissão de conhecimento, como aulas, apresentações públicas e eventos culturais. Feito isso, foram analisadas as respostas obtidas e relacionadas com o como a informação é disseminada no grupo e pelo grupo. As principais categorias identificadas incluíram as fontes de informação (oralidade, redes sociais, internet, livros) e os mecanismos de disseminação de conhecimento no grupo (eventos, rodas de conversa, redes sociais)

3 CAPOEIRA: APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que mistura arte marcial e música desenvolvida por pessoas escravizadas e surgiu por volta do século XVII. É difícil apontar com precisão o surgimento da capoeira uma vez que a história é contada pelos olhos da classe dominante (Fontoura,2002, p.141), além disso, a maior parte do conhecimento da capoeira sempre foi e ainda é transmitido de forma oral:

Não existindo estes documentos, com o passar do tempo, fatos ocorridos na história da capoeira podem ter caído no esquecimento ou, eventualmente, terem sido distorcidos, pois grande parte do que hoje se sabe sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitida, através das gerações, de forma verbal. (Fontoura, 2002, p.141)

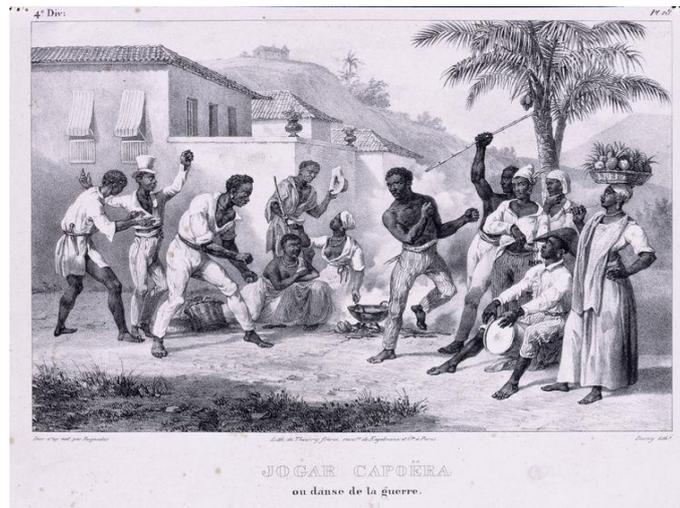
Essa falta de documentação escrita permitiu com que vários mitos e lendas com relação à capoeira surgissem e fossem reproduzidos, uma vez que, sem registros, a verificação da veracidade de certas informações é bem mais difícil. Por exemplo, um mito bastante popular é que a capoeira teria surgido nos engenhos, ou até no quilombo dos Palmares, embora exista pouca ou nenhuma evidência que suporte essa tese e mais evidências apontando a capoeira como um fenômeno urbano.

Apesar disso, é sabido que a capoeira se desenvolveu mais notavelmente em 3 estados brasileiros: Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

3.1 RIO DE JANEIRO

A capoeira teve uma presença notória no Rio de Janeiro durante o século XIX, particularmente no período de 1808 a 1890. A descoberta de ouro em Minas Gerais, a transferência da capital de Salvador para o Rio e a vinda da família real em 1808 causaram um rápido desenvolvimento na cidade e aumentou e muito a presença de escravizados, além disso a revolução haitiana acontecidas anos antes, onde quase toda a população branca do país foi massacrada, fez com que a elite branca local temesse os escravizados, que eram a larga maioria da população da cidade. Segundo Assunção (2005) isso fez com que a capoeira passasse a ser sistematicamente mencionada em fontes escritas (o que não quer dizer que ela não existia antes) uma vez que a prática da capoeira passou a ser muito mais reprimida.

Imagem 1: Jogar capoeira ou Danse de la Guerre, de Johann Moritz Rugendas, cerca de 1835



Fonte: the New York public library digital collection (2013)

A possível explicação para a falta de registro de capoeiragem antes de 1808 é a falta de uma polícia formal e meios burocráticos de se denunciar, além disso, ainda segundo Assunção:

O anúncio do intendente refletia um problema que preocupava legisladores e chefes de polícia de todo o Império: como proibir uma prática que, em si, não configurava crime segundo as tradições jurídicas ocidentais? O primeiro Código Penal Brasileiro (1831), inspirado nos princípios liberais, sequer menciona a capoeira, deixando a repressão à prática pela legislação local (posturas municipais) ou ao arbítrio dos delegados de polícia. (Assunção, 2005. p.70)

O pesquisador Carlos Eugenio Libano Soares divide a capoeira no Rio de Janeiro em dois momentos: o primeiro momento, de 1808 até 1850, ele chama de “capoeira escrava”, nome que se refere ao contexto social da época e não aos praticantes, uma vez que, segundo Soares (2008) essa capoeira não era “uma prática cultural excludente de negros libertos ou livres, mas a uma tradição rebelde que tinha fortes raízes escravas [...] e ‘seduzia’ aqueles de outra condição social e jurídica, por sua maneabilidade e resistência” (Soares,2008, p. 25).

A capoeira era uma parte importante da vida cultural da população marginalizada e era praticada em plena luz do dia, nas praças, o que preocupava os “cidadão de bem” da época, que viam os praticantes como vagabundos, vadios e “capadócius” mesmo que a maioria dos praticantes fosse composta por escravizados. Apesar de não ser considerada crime, escravizados pegos praticando capoeira eram punidos com 300 chibatadas.

Os capoeiristas cariocas se organizavam em maltas, grupos de 3 a 100 indivíduos, de todas as idades, geralmente residentes do bairro que controlavam e disputavam territórios dentro da cidade.

Em seu livro “A capoeira escrava”, Soares explica que as praças com chafarizes desempenhavam um papel importante na distribuição geográfica das maltas na cidade do Rio:

assim entendemos o papel dos chafarizes na geografia escrava da capoeira: pontos de convergência de cativos de todas as partes da cidade, eles deveriam ser monopolizados por aqueles das vizinhanças, dos arredores, que podem ter se unido momentaneamente para afastar pretos estranhos, vindos de partes mais longínquas do bairro. Tudo indica que esta foi a gênese das maltases de sua guerra interna sem fim. (Soares, 2008, p.231)

No segundo momento, de 1850 a 1890, a capoeira passa a estar muito mais difundida na sociedade carioca, ao ponto de contar com intelectuais, aristocratas e políticos entre seus praticantes, como Floriano Peixoto, que viria ser vice-presidente da república anos depois, e Sampaio Ferraz, que posteriormente seria o chefe da polícia responsável por “extirpar” a capoeira carioca. Segundo o IPHAN (2014), o poeta português Plácido de Abreu, era praticante de capoeira e descreveu o universo das maltas em seu romance “Os capoeiras”(1886).

Um fator que pode ter contribuído para esse fato foi a Guerra do Paraguai, conflito que durou de 1864 e 1870 e contou com grandes quantidades de capoeiristas entre os combatentes, uma vez que, segundo o IPHAN:

é fato conhecido que homens do povo (maioria negra), fossem eles desordeiros ou não, eram recrutados à força pelas autoridades policiais para servir à Marinha de Guerra Brasileira e ao Exército, como forma de punição. Alguns escravos também se alistavam voluntariamente nessas instituições militares, como meio de conseguir a liberdade. (IPHAN, 2014, p. 32)

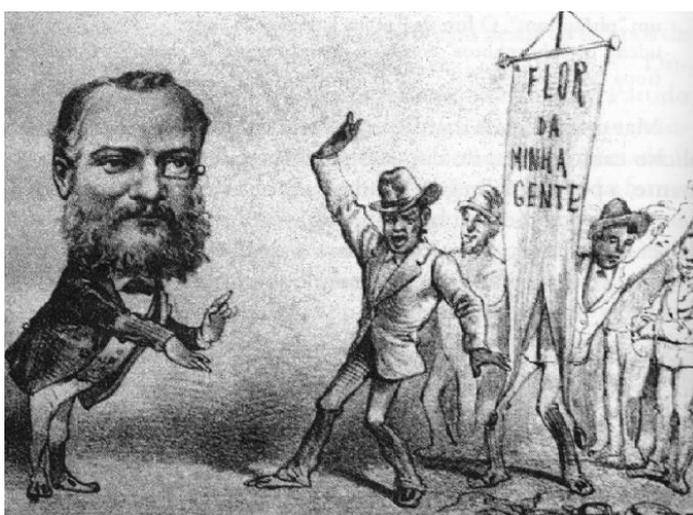
Sendo a convocação para Guerra do Paraguai obrigatória, homens de todas as cores e condições, advindos de todos os cantos do país, combateram juntos nas linhas de frente, o que possivelmente contribuiu para disseminação da capoeira para outras classes sociais e também outros estados. A participação de capoeiristas na Guerra do Paraguai também atrapalhava a repressão policial, uma vez que vários capoeiristas teriam retornado como heróis de guerra, o que lhes garantiu algum prestígio social.

Na segunda metade do século XIX as maltas se consolidaram em dois grandes grupos, chamados de Nagoas e Guayamuns, que apoiavam os partidos liberal e conservador, respectivamente, e participavam da chamada, “capangagem eleitoral”, que consistia em intimidar, coagir ou subornar eleitores para votarem em seu partido (uma vez que o voto não era secreto) e/ou adulterar as urnas. Um exemplo da capangagem eleitoral é a malta Flor da

gente, abertamente patrocinada por Luís Joaquim Duque - Estrada Teixeira, membro do partido conservador, reeleito várias vezes deputado, a quem ele se referia como “A Flor da minha gente”, daí o nome. Segundo Assunção:

No dia da eleição, membros da quadrilha de capoeira se registraram com nomes falsos e provocaram os eleitores liberais. No conflito que se seguiu, alguns cidadãos proeminentes foram retalhados pela navalha de Augusto César de Lima, o líder da malta. Apesar destas ações, sentou-se abertamente na igreja paroquial ao lado de Duque-Estrada, que, na sua função de juiz de paz, teve de fiscalizar o processo eleitoral. (Assunção, 2005, p.89)

Imagem 2: Charge de janeiro de 1878 na revista *O Mequetrefe*, mostra Duque-Estrada Teixeira negociando com a malta “Flor da minha gente”.



Fonte: <https://capoeirahistory.com/>(2021)

A capoeira só chegou ao fim na cidade do Rio de Janeiro em 1889, com a proclamação da República, quando passou a ser oficialmente crime, de acordo com o artigo 402 que dizia: “Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal. Pena: de prisão celular de dois meses a seis meses”. Nesse período, João Batista Sampaio Ferraz foi apontado chefe da polícia pelo próprio Deodoro da Fonseca, e adotou uma política implacável de perseguição às capoeiras, que eram capturados e desterrados para a ilha de Fernando de Noronha.

3.2 SALVADOR

Em Salvador, o período mais bem documentado referente a capoeira, foi o da República Velha, período que vai de 1890 a 1930, segundo o IPHAN:

Ao contrário da capoeira do Rio de Janeiro, que tem uma grande documentação referente a esse período e que já foi bastante estudada, o

universo da capoeiragem da Bahia no século 19 é permeado de mitos, fantasias, muitas suposições e alguns documentos. (IPHAN, 2014, p. 28)

Em seu livro “Capoeira: the history of a brazilian martial art”(Capoeira: a história de uma arte marcial afro brasileira, em tradução livre) Assunção (2005) explica que devido à produção de tabaco na região do recôncavo baiano, passou a existir um comércio direto entre os portos de Salvador e São Paulo de Luanda, o que propiciou um intercâmbio cultural entre a África e o Brasil acarretando uma maior presença de culturas e idiomas africanos na cidade de Salvador, isso talvez explique a falta de atenção dada a capoeira no período anterior a 1890, uma vez que a capoeira seria só mais uma manifestação em meio a tantas outras.

A partir da proclamação da república, no ano de 1889, surgiu nas elites letradas o desejo de transformar Salvador em uma metrópole aos moldes europeus, e para tanto seria necessário “desafricanizar” as ruas, termo cunhado por Alberto Heráclito Ferreira Filho (1998):

Para esses homens afinados com os ideais de modernidade e progresso social, a situação atrasada de Salvador se demonstrava nos fantasmas do passado que, onipresentes, assombravam as mentes sintonizadas com o ideal de civilização. Aos sombrios e decadentes casarões coloniais, às ruas estreitas e insalubres, à ameaça constante de epidemias e endemias, aos ineficientes serviços de transportes e saneamento urbanos, acrescentavam-se a predominante tez escura da população, os costumes africanizados largamente difundidos, a "licenciosidade" das mulheres pobres, a omissão dos homens frente à criação dos filhos. (Filho, 1998, p.242)

Foi nesse contexto que a capoeira baiana foi mais bem documentada, ainda que a documentação seja escassa. Antônio Liberac Pires (2001), pioneiro nas pesquisas sobre a capoeira baiana, explica que, ao contrário do que aconteceu no Rio de Janeiro, onde é possível achar processos-crime de capoeiristas sob o artigo 402 do código penal de 1890, em Salvador esses registros não existem, foi necessário buscar o artigo 303, que trata de lesão corporal, e mesmo assim, a palavra capoeira não é mencionada na maioria das vezes. Foi necessário buscar nos manuscritos de Mestre Noronha a fim de descobrir os nomes dos capoeiristas, e assim identificar de quem era cada processo e começar a formar uma imagem da capoeira soteropolitana da República Velha.

Mestre Noronha, como era conhecido Daniel Coutinho (1909-1977), praticou capoeira desde os 8 anos, Segundo Pires (2001):

Seus manuscritos constituem-se na documentação mais importante na obtenção de informações sobre os capoeiras anteriores aos anos 30 do século XX. Eles revelam diversos aspectos da capoeiragem e o processo de transição para a capoeira contemporânea, além de trazer uma longa listagem de nomes e apelidos de praticantes. (Pires, 2001, p. 139)

Outra fonte de informação importante sobre a capoeira nesse período são os artigos de jornal, onde ela era vista com maus olhos e considerada “coisa de vagabundo” (apesar de os processos-crime, tanto em Salvador quanto no Rio, atestem que a maioria dos capoeiristas presos tinham uma profissão.) e aparecia frequentemente nas páginas policiais. Como acontecia no Rio de Janeiro, a capoeira não era usada apenas contra a polícia, mas também contra outros capoeiristas ou desafetos em geral. Apesar disso, o IPHAN descreve a capoeira baiana como usada de forma muito mais lúdica que no Rio de Janeiro, sendo constantemente vista nas celebrações populares de Salvador:

As festas populares da Bahia ficaram tradicionalmente conhecidas como ocasiões em que as capoeiras se reuniam para fazer sua brincadeira. Tudo indica que foi no ambiente da festa que a capoeira conquistou seu espaço na sociedade soteropolitana. (IPHAN,2014, p. 36)

Ainda segundo o IPHAN, a capoeiragem baiana também participou da capangagem eleitoral o que lhes garantia uma certa tolerância e até proteção por parte da polícia (IPHAN,2014, p .37). Foi só a partir dos anos 30, com as figuras de Mestre Bimba e Mestre Pastinha que a capoeira começou a perder seu status de “coisa de vagabundo”, como será discutido mais adiante.

3.3 RECIFE

Ao contrário do que ocorreu em Salvador e no Rio de Janeiro, existem poucas fontes bibliográficas a respeito da presença da capoeira no Recife, apesar de sua importância para a formação da cultura urbana da capital pernambucana, e a maioria dessas fontes bibliográficas se encontram relacionadas as festas de momo e a formação de clubes carnavalescos:

As indicações existentes na bibliografia consultada revelam, sobretudo, a relação dos antigos capoeiras com as rivalidades entre as bandas de música nos primórdios do Carnaval e com a origem do “passo”. A maioria das referências sobre o passado das capoeiras nessa cidade refere-se à sua presença no carnaval de rua. (IPHAN,2014, p.38)

Excluindo a documentação sobre os embates de capoeiristas nos desfiles de carnaval, faltam fontes informacionais sobre a realidade da capoeira no Recife. Porém é possível ter um vislumbre de como era a capoeiragem no Recife do fim do século XIX através do livro “Frevo, capoeira e passo” do escritor e compositor Valdemar de Oliveira (1971), nele é possível descobrir os apelidos de capoeiristas notáveis, como Nascimento Grande, Canhoto, Pé de pilão, Amaro Preto, Corre Hoje, Antônio 14 e outros; e até ter uma ideia de seu comportamento:

em sua passagem pela cidade, com rumo certo, abria oportunidade às exhibições da súcia, em atitudes francas de provocação, mostrando seu poderio, a elegância no manejo do cacete, o apuro no vestuário - todos de ponto em branco(o conhecido tipo de “mosca no leite”, que se repete, hoje,

nos passistas das Escolas de Samba)- as calças folgadas, o paletó sempre aberto, deixando ver a camisa de cor ,a botina de bico fino e revirado e de salto “carrapeta”, gravata de manta e anel corrediço, chapéu mole, paletó no canto da boca, lenço ao pescoço, preferentemente de seda, garantia contra o fio da navalha alheia.(Oliveira, 1971, p. 84)

Os capoeiristas Recifenses tinham fama de valentes, fama “retemperada” pela Revolução pernambucana em 1817, pela Confederação do Equador em 1824, pela Revolução Praieira em 1848 e pela Guerra do Paraguai, o que fazia até a polícia temê-los (Oliveira,1971). Assim como em Salvador e Rio de Janeiro, as capoeiras de Recife também participaram da capangagem eleitoral, porém, com a criminalização em 1890, como no Rio de Janeiro, a capoeira foi duramente reprimida pelo desembargador Santos Moreira, que seguindo o exemplo de Sampaio Ferraz, punia rigorosamente os infratores.

3.4 A CAPOEIRA NO SÉCULO XX

A partir do século XX, especificamente na década de 30, a capoeira começa a passar por um processo de modernização que seria o divisor de águas da sua história, e os responsáveis por esse fenômeno foram Mestre Bimba e Mestre Pastinha.

É importante mencionar que o contexto histórico e social do final do século XIX e início do século XX foi propício para o que ambos os mestres pudessem desenvolver suas escolas. Em todo o mundo, os esportes e as artes marciais passavam por um processo de modernização e institucionalização; pintores como Pablo Picasso usaram elementos de culturas africanas como inspiração para suas obras, no continente americano como um todo as artes e manifestações culturais de origem afro sofreram um *boom* e passaram a ser valorizados, com o surgimento de ritmos como o Charleston e o Jazz, além disso, segundo Assunção:

A devastação da Primeira Guerra Mundial demonstrou aos europeus que a civilização e a barbárie não eram mutuamente exclusivas. Após anos de privação, ansiavam por energia vital que apenas as culturas “primitivas” pareciam capazes de oferecer. [...] Como as elites brasileiras acompanharam de perto as tendências francesas, não deixaram de registrar a moda de ‘primitivismo’ e o “enegrecimento de Paris”. (Assunção, 2005, p.125)

Além disso, o Brasil era ainda uma jovem república, e intelectuais e nacionalistas de todas as áreas buscavam construir um ideal de nação, e alguns desses nacionalistas queriam estabelecer a capoeira como ginástica nacional.

Depois da vitória do Japão na guerra Russo-japonesa, houve uma popularização das artes marciais orientais, sobretudo Jiu-Jitsu, e no Rio em 1909, o campeão japonês Sada Miyako veio ao Brasil para ensinar a arte e desafiar qualquer um que quisesse lutar. Ciríaco, conhecido como Macaco, capoeirista e estivador, aceitou o desafio e derrotou Miyako em alguns segundos com um rabo de arraia, segundo Assunção (2005):

Para os nacionalistas em busca de uma ginástica brasileira, esse resultado confirmou que a capoeira era superior a qualquer outra arte marcial “estrangeira”. Ciriaco foi convidado a mostrar sua destreza a um grupo de acadêmicos da Faculdade de Medicina, o que novamente gerou inúmeros comentários sobre a superioridade da capoeira na imprensa. (Assunção, 2005, p.127)

Além do Jiu-Jitsu, o boxe e luta greco-romana também se popularizaram bastante nessa época, o que fez os nacionalistas redobram seus esforços para fazer da capoeira o esporte nacional. Uma dessas pessoas foi Annibal Burlamaqui, capoeirista e boxeador, apelidado de Zuma. Inspirado no futebol e no boxe, Burlamaqui propunha esportivizar a capoeira como uma forma de tirá-la da marginalidade, e lançou em 1928 seu “Gymnastica Nacional (capoeiragem) methodizada e regrada”. No livro Burlamaqui estabelece o diâmetro da roda, a duração de cada ‘round’(3 minutos) e como seria determinado o vencedor, além de explicar detalhadamente cada movimento, porém com algumas modificações, como por exemplo, a postura de jogo deveria ser “nobre e ereta”, ao contrário da ginga, que é uma posição quase agachada, além de não fazer nenhuma menção à música ou instrumentos, o que descaracterizava a capoeira. Foi nesse contexto que Mestre Bimba desenvolveu sua Capoeira Regional.

Imagem 3: Capa de Gymnastica Nacional (capoeiragem) methodizada e regrada (1928)

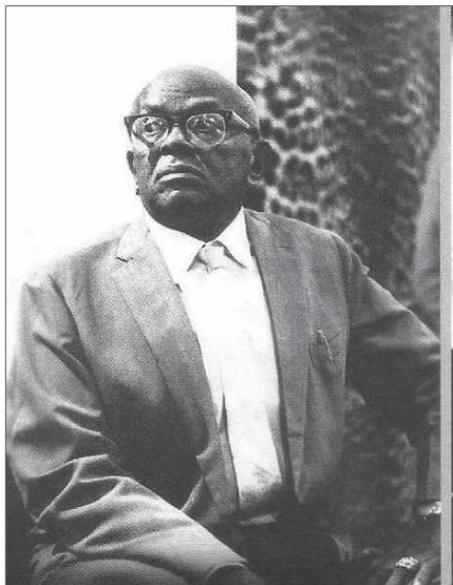


Fonte: <https://capoeirahistory.com/>(2021)

Manuel dos Reis Machado, nome de batismo de Mestre Bimba, nasceu em 23 de novembro de 1899 ou 1900, as fontes variam, o pai se chamava Luís Cândido Machado e era praticante de Batuque, arte marcial já extinta que consistia em um praticante ficar em pé com os pés plantados no chão enquanto o oponente busca derrubá-lo ou desequilibra-lo com pernadas e rasteiras, ao som de palmas e pandeiros. O nome bimba é como é chamado a genitália masculina na Bahia, sobretudo a de crianças, diz a lenda que seu apelido surgiu de uma aposta entre sua mãe, dona Maria Martinha do Bonfim, e a parteira. Dona Maria tinha

certeza que o bebê era menina, a parteira defendia que era menino, quando a criança nasceu a parteira exclamou: “Ganhei a aposta, o cabra tem bimba e cacho”.

Imagem 4: Mestre Bimba



Fonte: Capoeira Regional: A escola de Mestre Bimba, EDUFBA,2009, p.21

Mestre Bimba foi iniciado na capoeira aos 12 anos, nessa idade ele já trabalhava como estivador no porto e aprendeu capoeira da maneira tradicional, a “vadiação” nos intervalos do trabalho. Seu professor era um homem chamado Bentinho, de origem africana, que era capitão da companhia de navegação baiana.

A capoeira que Bimba aprendeu foi a capoeira que ficou posteriormente conhecida como angola e é dito que ele era proficiente na arte, porém Bimba estava insatisfeito com a forma como a capoeira era praticada nas festas populares, perdendo suas características de luta e viu a popularização de outras artes marciais e os combates de vale tudo como o terreno ideal para mostrar a capoeira como defesa pessoal e uma atividade física legítima. Bimba buscou romper com a capoeira angola e desenvolver uma capoeira mais eficiente para combate.

Entre 1928 e 1933, Mestre Bimba tinha desenvolvido métodos e técnicas próprios, removido movimentos que não considerava eficiente e adicionado elementos do batuque e do maculelê, como também golpes de outras artes marciais, desde que se encaixassem na ginga, movimento base da capoeira. Ele se aproveitou da popularidade das lutas de vale tudo para testar e provar a superioridade da sua nova técnica desafiando praticantes de outras lutas. Em 1936, Bimba derrotou Henrique Bahia e foi declarado campeão de capoeira da Bahia. O título foi contestado por outros capoeiristas famosos como Samuel Querido de Deus, que diziam que ele nunca tinha enfrentado outras capoeiras baianas, e que enfrentaria Bimba desde que

fosse capoeira de angola numa roda de verdade, com instrumentos, e não no ringue, segundo Assunção:

Bimba respondeu através dos jornais que ‘dois capoeiras, que tentam adquirir o título de campeão, não conseguem medir a sua força ao som do berimbau e do pandeiro, e isso pode ser visto em centros mais avançados [ex. Rio de Janeiro] onde a capoeira está ganhando mais atenção sensacional’. As disputas no ringue, sugeriu ele, deveriam seguir as regras estabelecidas por Burlamaqui em 1928. Esta última afirmação é importante porque prova que Bimba estava bem ciente das tentativas anteriores de “esportivizar” a capoeira. (Assunção, 2005, p.130)

Ainda segundo Assunção, isso pôs Bimba em um dilema, ele precisaria escolher entre romper com as raízes africanas ou desistir das lutas vale tudo, eventualmente, Bimba desistiu dos ringues. Seus métodos foram revolucionários para a época e influenciam como a capoeira é ensinada até os dias de hoje. Tradicionalmente a capoeira era aprendida pela observação e imitação, de “oitiva”, se testando na roda, ou com um capoeirista ensinando a um novato interessado na rua, em sua própria casa ou nos intervalos do trabalho, e apesar de haver capoeiras famosos ao longo da história, eles não eram conhecidos formalmente como Mestres, essa hierarquização também surgiu com a Regional.

Mesmo com a capoeira na marginalidade, ele montou uma academia, o Centro de Cultura Física Regional, ou CCFR, e estabeleceu duas condições para aceitar alguém como aluno: primeiro eles teriam que provar que tinham uma ocupação, seja trabalho ou estudo, a segunda era passar numa avaliação física. Inicialmente a avaliação consistia em levar uma ‘gravata’ ou ‘mata-leão’ do próprio Bimba e aguentar, prática que depois foi substituída por uma avaliação mais ortodoxa uma vez que ele estava perdendo muitos potenciais alunos. Ele também desenvolveu um método de ensino próprio, com o desenvolvimento das chamadas Sequências, grupos de ataques, esquivas e defesas combinados juntos, que davam ao iniciante as habilidades básicas para participar das rodas. Estabeleceu rituais como o batizado, onde o novato recebe um novo nome no qual será conhecido nas rodas para sempre, e graduação, e até um curso de especialização, onde ele ensinava a se defender de emboscadas e usar armas, como a navalha.

Bimba também estabeleceu para a Capoeira Regional uma bateria e toques próprios, apesar de não ser uma prática rígida, mas segundo seus alunos, ele preferia um único berimbau acompanhado de dois pandeiros, que segundo ele produzia um som mais puro e forte, mais adequado para o ritmo rápido da Regional, além de menos instrumentos facilitam para os jogadores na roda perceberem mudanças no ritmo de jogo.

Em 1936, Bimba foi convidado para se apresentar para o governador da Bahia e em 9 de julho do ano seguinte, Bimba e o CCFR foram registrados no Departamento de educação e

segurança social do estado da Bahia, o que, de acordo com Assunção (2005), muitos erroneamente interpretam como sendo a data de legalização da capoeira, o que não é verdade já que a capoeira de rua continuava na ilegalidade, mas foi com certeza um passo importante para a descriminalização da arte. Nos anos 50, Bimba se apresentou para o presidente Getúlio Vargas, que teria declarado na ocasião que é a capoeira “é o verdadeiro esporte nacional”. De acordo com Talmon-Chvaicer (2008), durante os anos 30, Getúlio Vargas, em seu projeto populista buscava legitimar e nacionalizar práticas de origem africana, a fim de integrar os negros na sociedade e reduzir o antagonismo contra as classes privilegiadas, e concedeu não só a capoeira como também ao candomblé e ao samba, a liberdade de serem praticadas, desde que em instituições com alvará do governo.

Durante os anos 50 e 60, Mestre Bimba e seus alunos viajaram pelo sudeste do Brasil fazendo apresentações a fim de promover e espalhar a Regional, mas recebiam pouco apoio do governo, e uma compensação financeira ainda menor, além de o próprio mestre não saber lidar com dinheiro. Em 1973, devido à situação financeira difícil, Bimba aceitou o convite de um aluno para ir ensinar capoeira em Goiás, mas a experiência foi decepcionante e Mestre Bimba morreu no ano seguinte, vítima de um derrame. Em 1996, Mestre Bimba recebeu o título póstumo de Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia.

Vicente Ferreira Pastinha (ou Pastinha), o Mestre Pastinha, nasceu em Salvador em 5 de abril de 1889, filho de um comerciante espanhol chamado José Pastinha, e Maria Eugenia Ferreira, uma mulher negra. Quanto ao início de seu aprendizado na capoeira, o próprio Pastinha conta:

Quando eu tinha uns dez anos — eu fui franzininho — um outro menino mais forte do que eu tornou-se meu rival. Era só eu sair para a rua — ir na venda fazer compra, por exemplo — e a gente se pegava em briga. Só sei que acabava apanhando dele, sempre. Então eu ia chorar escondido de vergonha e de tristeza. Um dia, da janela de sua casa, um velho africano assistiu a uma briga da gente. Vem cá, meu filho, ele me disse, vendo que eu chorava de raiva depois de apanhar. Você não pode com ele, sabe, porque ele é maior e tem mais idade. O tempo que você perde empinando raia vem aqui no meu cazuá que vou lhe ensinar coisa de muita valia. Foi isso que o velho me disse e eu fui". "Ele costumava dizer: não provoque, menino, vai botando devagarinho ele sabedor do que você sabe (...). Na última vez que o menino me atacou fiz ele sabedor com um só golpe do que eu era capaz. E acabou-se meu rival, o menino ficou até meu amigo de admiração e respeito. (Pastinha, [s.a])

Aos 12 anos, Pastinha ingressou na escola da marinha, onde aprendeu a lutar com espada e outras armas, e onde ensinou capoeira a colegas. Depois de dispensado, aos 20 anos de idade, Pastinha levou a vida de um típico capoeira: fazendo trabalhos variados e jogando capoeira nas ruas, trabalhou de engraxate, jornaleiro, carpinteiro e segurança de cassino,

segundo o próprio Pastinha, participou do clientelismo, ao mesmo tempo dava aula de capoeira para estudantes da faculdade de medicina.

Imagem 5: Mestre Pastinha



Fonte: Pierre Verger (1946)

Pastinha depois se ‘aposentou’ da capoeira por um período de 20 anos, só retornando em 1940, nessa época vários mestres de capoeira angola se reuniram para discutir o que fazer para salvar a capoeira tradicional. Com a popularidade das artes marciais estrangeiras e o sucesso da Capoeira Regional de Mestre Bimba, a “vadiação” começou a perder praticantes e corria o risco de desaparecer. Foi nessa época que surgiu o termo Capoeira Angola, para diferenciar da Regional de Mestre Bimba. De acordo com Mestre Noronha, um grupo de 22 mestres se reunia na Gengibirra, uma comunidade no bairro da Liberdade, em Salvador, para jogar capoeira, liderados por Mestre Amorzinho, um guarda civil.

Existem duas versões de como Mestre Pastinha se tornou o responsável pela organização da capoeira angola, que passou a se chamar Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), a primeira, do próprio Pastinha, diz que um de seus alunos, Aberrê, foi a roda e impressionou os mestres presentes que queriam saber com quem ele aprendeu, Aberrê então levou Pastinha em 23 de fevereiro de 1941:

Fui a esse local como prometera a Aberre, e com surpresa o Sr. Amorsinho dono daquela capoeira, apertando-me a mão disse-me: há muito que o esperava para lhe entregar esta capoeira; para o senhor mestra. Eu ainda tentei me esquivar desculpando, porém tomando a palavra o Sr Antônio Maré: Disse-me; não há jeito, não Pastinha, é você mesmo que querem vai mestrar isso aqui. Como os camaradas dera-me o seu apoio, aceito. (Pastinha,1956, p.4-5)

Porém, segundo Mestre Noronha, Pastinha só assumiu as rodas da Gengibirra depois da morte de Amorzinho, em 1942, porque ele era o único que tinha tempo para manter o centro. Em 1944, Pastinha tentou organizar o CECA outra vez, mas falhou devido a discordâncias internas. Em 1949 ele tentou outra vez e desta foi mais bem sucedido, os treinos aconteciam no pátio de uma fábrica de sabão onde o mestre trabalhava como vigia, ele conseguiu o apoio de outros mestres e estabeleceu um uniforme: calça preta e camisa amarela, as cores de seu time do coração, o Esporte Clube Ypiranga.

Mestre Pastinha era um intelectual, apesar da pouca educação formal, e gostava de refletir, tanto oralmente quanto por escrito, sobre a capoeira, deixou vários manuscritos e chegou a publicar um livro sobre o assunto. Segundo Assunção (2005), ele foi o primeiro capoeirista a analisar a capoeira sob um ponto de vista filosófico.

O intuito do CECA era preservar a capoeira tradicional, mas Pastinha percebeu que seria necessário fazer algumas modificações e estabelecer regras, ele identificou a violência como a fonte da má fama da capoeira na sociedade, e escreveu em seus manuscritos que a capoeirista não deveria aspirar ser durona, apenas proteger sua integridade física e insistia que a capoeira era um esporte. Para preservar a tradição, Pastinha não introduziu nenhum golpe provindo de outras artes marciais e enfatizava a importância de dominar os golpes mais básicos, além de ter excluído chutes altos do repertório. Ele também enfatizava o papel da musicalidade e assim como Bimba, estabeleceu uma bateria, composta de três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco.

A intenção de Mestre Pastinha de preservar as raízes africanas da capoeira atraiu a atenção de diversos intelectuais modernistas soteropolitanos da época, tais como os escritores Jorge Amado, que era um grande admirador de Pastinha, Edison Carneiro e Wilson Lins, o artista argentino naturalizado brasileiro, Carybé, que fez diversas ilustrações sobre capoeira, o escultor Mario Cravo, entre outros. Ter tantos personagens ilustres em seu círculo social contribuiu para que o CECA conseguisse fixar endereço no Pelourinho, bairro histórico de Salvador e um dos mais famosos e importantes, o que contribuiu grandemente para o sucesso da capoeira angola durante as décadas de 50 e 60.

Imagem 6: Ilustração de Carybé (1951)



fonte: Jogo da capoeira: 24 ilustrações de Carybé (1951, p. 9)

Assim como Mestre Bimba, Mestre Pastinha e seus alunos também fizeram várias viagens pelo Brasil com o intuito de espalhar a capoeira Angola, e em 1966, aconteceu o 1º festival de artes negras, em Dakar, capital do recém independente Senegal, no qual Pastinha realizou seu grande sonho de conhecer a África, junto à delegação brasileira, porém aos 77 anos e praticamente cego de catarata, ele não foi capaz de jogar.

No início dos anos 70, Pastinha teve a casa onde ficava o CECA tomada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), sob o pretexto de fazer renovações no casarão histórico, porém após as reformas o casarão nunca foi devolvido, invés disso, foi entregue para ser o restaurante escola do SENAC, segundo Assunção: “Nesse processo, Pastinha perdeu todos os bens de sua escola: 14 bancos e outros móveis de jacarandá, muitos instrumentos, suas pinturas e o arquivo com registro de seus alunos”(Assunção, 2005, p. 163). Graças a ajuda de Jorge Amado, Pastinha conseguiu receber uma pensão da cidade de Salvador, porém o valor era muito baixo e longe de ser suficiente para sustentá-lo, sua esposa Dona Maria Romélia de Oliveira e 3 filhos, com isso Dona Maria Romélia precisava completar a renda com a venda de acarajés. Novamente, com a ajuda de amigos, Mestre Pastinha conseguiu reabrir a escola em um endereço próximo ao antigo, onde seus principais alunos: João Grande, João Pequeno e Angelo, davam aula enquanto o própria Pastinha corrigia pela audição.

Em 1979, Pastinha sofreu um derrame e passou um ano internado em um hospital público e quando recebeu alta passou a viver no Abrigo Dom Pedro II, um lar de idosos, onde morreu aos 93, em 13 de novembro de 1981, pobre e praticamente esquecido.

Durante as décadas de 50 e 60, devido às viagens de Bimba e Pastinha, mas também pela migração de capoeiristas baianos para outras partes do Brasil em busca de melhores condições de trabalho, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, a capoeira passou por um processo de expansão nas décadas seguintes e Salvador perdeu a sua hegemonia de cidade da capoeira.

Durante o período de 1964 a 1981, o Brasil passava pela ditadura militar, e isso também afetou a capoeira. A partir de 1971, com a implementação da lei de Diretrizes e Bases, a disciplina de Educação Física passa a ser obrigatória do jardim da infância à universidade, além disso, também foi lançado o movimento “Esporte Para Todos”, que segundo Reis (1993): “Tal proposta de esporte “não-formal” era parte de um esforço de convencimento da população, encetado pelas elites dirigentes da época, no sentido de mostrar o correspondente social do chamado “milagre econômico brasileiro” (Reis,1993,p.117).

Nesse contexto, houve a tentativa de regulamentar a capoeira como esporte, retomando a ideia de Burlamaqui, anteriormente citado. O governo vinculou a capoeira a confederação brasileiras pugilismo, e estabeleceu regras para competição, graduação, vestimenta, entre outros aspectos, numa tentativa de homogeneizar a capoeira a nível nacional. Sobre esse período Talmon-Chvaicer (2008) comenta:

é estranho que justo quando o governo endossava a capoeira em todo o Brasil, o status de Bimba declinou. Ele enfrentava dificuldades financeiras, caiu em desgraça com as autoridades, e queixava-se amargamente da falta de apoio e assistência que recebia. (Talmon-Chvaicer,2008, p.124)

A partir dos anos 90, com a migração de vários mestres para o exterior, tais como Mestre João Pequeno, a capoeira começou a se internacionalizar, hoje se encontram praticantes em mais de 150 países de todos os continentes, segundo o IPHAN (2014), os capoeiristas são verdadeiros embaixadores informais da cultura brasileira pelo mundo.

4 ANÁLISE DE DADOS

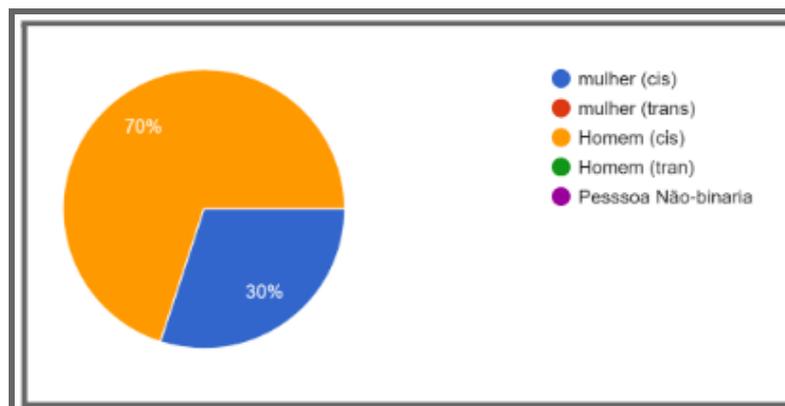
Nesta seção será feita a apresentação e a análise dos dados obtidos com as entrevistas, realizadas no ano de 2023. Segundo Costa e Valério (2023):

a análise de dados se trata de um processo meticuloso que tem a intenção de organizar os dados transformando-os em informação, com intento de responder os questionamentos de pesquisa. (Costa e Valério,2023, p.208)

A entrevista foi feita de forma anônima e continha 11 perguntas, sendo 6 fechadas e 5 abertas, divididas em 3 blocos. O primeiro bloco foram as perguntas que buscavam caracterizar a pessoa respondente. A primeira pergunta era sobre a identidade de gênero, a qual 3 responderam se identificarem como mulheres cis (30%) e 7 se identificaram como homens cis (70%), com isso é possível perceber que, apesar da ladainha (como são chamadas as canções da capoeira) que diz “capoeira é pra homem, menino e mulher”, mesmo no século XXI a capoeira ainda é uma atividade predominantemente masculina, tal qual nos séculos anteriores, apesar de mestre Pastinha ter sido um ferrenho defensor das mulheres praticarem capoeira, como é possível perceber nessa citação de Assunção (2005):

Apesar de existirem algumas mulheres capoeiras entre as gerações mais velhas, poucas ou nenhuma mulher na Bahia treinaram e se tornaram alunas avançadas na academia de Pastinha ou em qualquer outra escola da cidade. O mestre lamentou repetidas vezes o fato de as mulheres na Bahia não estarem treinando capoeira, já que “as mulheres também devem participar na defesa do lar (Assunção, 2005, p. 160)

Gráfico 1: Identidade de gênero

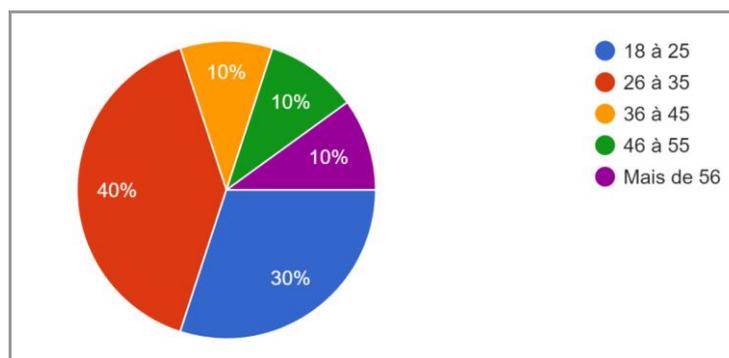


Fonte: dados da pesquisa (2023).

A segunda pergunta diz respeito à faixa etária dos participantes, a qual a maioria respondeu ter menos de 40 anos, tendo 30% dos respondentes entre 18 e 25 anos, e 40% entre 26 e 35 anos, como pode ser visto no gráfico 1, novamente mostrando uma constância na demografia da capoeira, sendo ainda praticada por pessoas majoritariamente jovens, tal qual comenta Assunção (2005):

De certa forma, a capoeira constitui uma subcultura jovem, uma vez que a grande maioria dos seus praticantes têm menos de 30 anos, obedece a códigos específicos de comportamento e vestimenta e identifica a sua prática como uma forma de resistência contra uma ordem mundial hegemônica. (Assunção, 2005, p. 192)

Gráfico 2: Faixa etária

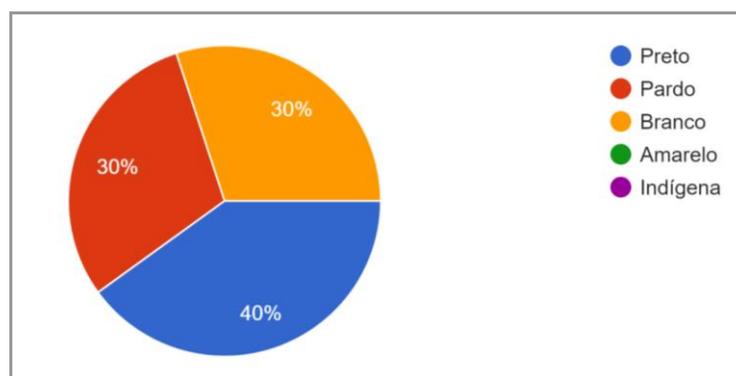


Fonte: dados da pesquisa (2023).

A terceira pergunta dizia respeito à raça/cor de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a qual a 40% dos respondentes se declara preta, e 30% parda, o que novamente mostra uma constância na demografia da capoeira desde os séculos passados, como mencionado na sessão anterior e reiterado pelo IPHAN (2014):

Constatou-se também que grande parte das capoeiras em Salvador era de cor negra, embora, desde o século 19, alguns códigos culturais da capoeiragem já tivessem se expandido para o universo de diversos segmentos sociais, inclusive da elite e da juventude baiana. (IPHAN,2014, p.34)

Gráfico 3: Cor/raça dos entrevistados de acordo com o IBGE

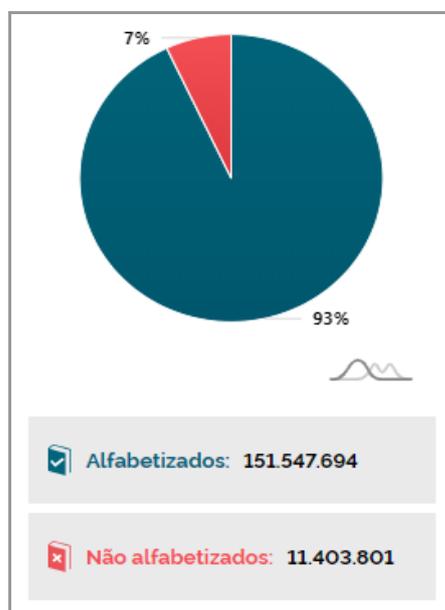


Fonte: dados da pesquisa (2023)

A quarta pergunta buscava descobrir o grau de escolaridade dos respondentes, a qual 40% responderam ter ensino médio completo, um dos respondentes tinha também uma formação técnica, os outros 60% eram estudantes ou formados no nível superior. Isso demonstra um contraste com a capoeira do século 19 e início do século 20, quando a capoeira era principalmente praticada por pessoas semialfabetizadas ou iletrados (IPHAN,2014,p.34), isso mostra o aumento no acesso à educação no Brasil nas últimas décadas, já que, segundo o Censo do IBGE de 2022, 93% da população brasileira acima de 15 anos é alfabetizada (ver

gráfico 3), além disso, Assunção (2005) em seu livro fala sobre um crescente interesse da classe média intelectualizada na capoeira durante os anos 30, como já foi citado anteriormente.

gráfico 4: Alfabetização



fonte: IBGE (2022)

O segundo bloco diz respeito às informações sobre o grupo, sendo a primeira pergunta, sétima no geral, a respeito da criação do grupo de capoeira Chapéu de couro. De acordo com as respostas obtidas, o grupo surgiu nos anos 80, depois que Mestre Mulatinho se mudou para Brasília por questões familiares, deixando mestre Corisco e Mestre Biliro dando aula de capoeira, o que fez os mestres sentirem a necessidade de formar seu próprio grupo, no que Mulatinho deu total apoio. O grupo se fixou na Universidade Católica (UNICAP) com a proposta de ensinar capoeira para professores, alunos e funcionários. Em 1995 houve um racha entre Corisco e Biliro, que saiu para formar o próprio grupo, além disso também surgiu um ramo do grupo no bairro da Várzea, onde Mestre Corisco residia, que ficou sob a tutela de Contramestre Betão. A partir de 2021, o grupo passou por um processo de reconfiguração após a pandemia de COVID-19, e o atual responsável pelas aulas é o professor Tank.

Com isso, é possível perceber que o grupo tem quase 40 anos, já passou por várias configurações ao longo dos anos e tem membros de vários pontos da cidade.

Imagem 7: Cartaz do 1º batizado do grupo chapéu de couro 1989



fonte: da autora

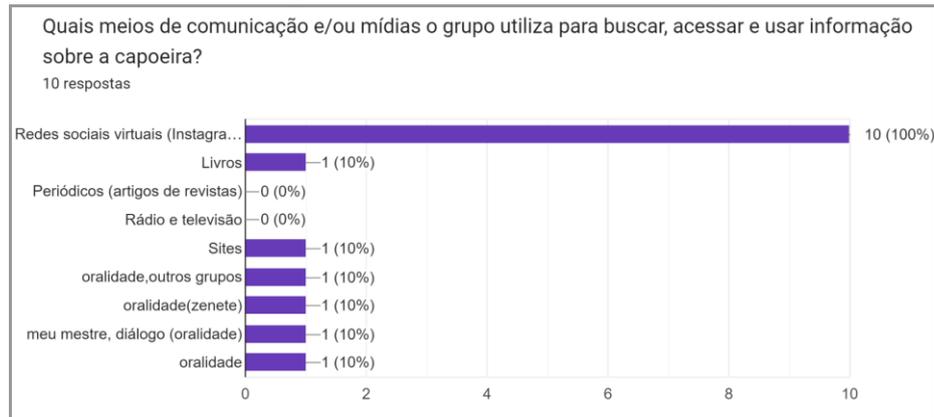
Imagem 8: Apresentação do grupo chapéu de couro no marco zero 2004



fonte: da autora

A nona pergunta questionava quais os meios de comunicação os membros do grupo mais utilizam para buscar, acessar e usar e usar a informação sobre capoeira. Não surpreendentemente, 100% dos entrevistados responderam que as redes sociais são o principal meio de comunicação utilizado, mas 40% destes também relataram ter a oralidade como fonte de informação sobre capoeira, além disso 10% afirmam ter livros como fonte de informação e outros 10% utilizam sites.

gráfico 5: Busca, uso e acesso à informação



fonte: dados da pesquisa (2023)

É interessante perceber que mesmo com os avanços da tecnologia e a maior disponibilidade de informação, a capoeira ainda preserva suas práticas tradicionais, ainda mantendo a oralidade como uma de suas principais fontes de informação, tendo seu conhecimento transmitido de mestre para aluno através das gerações.

Imagem 9: Apresentação do grupo chapéu de couro no festival de inverno da várzea 2015



Fonte: da autora

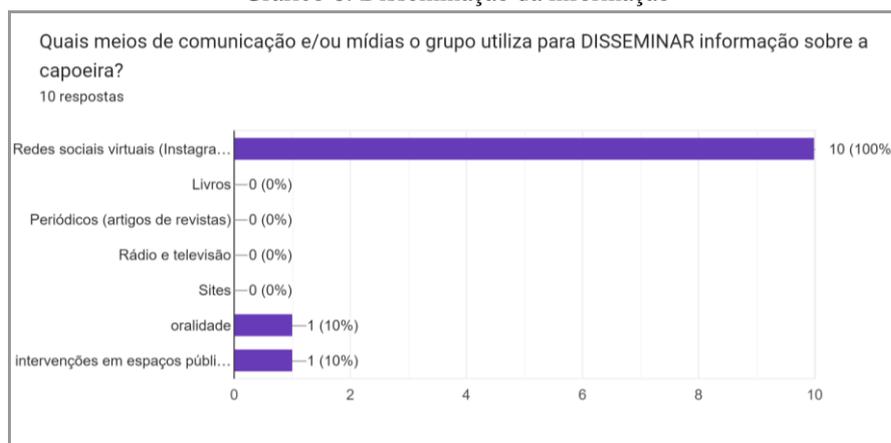
Imagem 10: Batizado grupo chapéu de couro Julho de 2016



Fonte: da autora

A décima pergunta, por sua vez, questiona quais os principais meios de comunicação utilizados para disseminar a informação, e novamente, 100% dos entrevistados responderam utilizar as redes sociais como canal de comunicação, além disso 10% utilizam a oralidade e outros 10% responderam intervenção em espaços públicos.

Gráfico 6: Disseminação da informação



fonte: dados da pesquisa (2023)

Por fim, a décima primeira pergunta questiona que tipos de informação o grupo dissemina e de acordo com as respostas coletadas, as principais informações que o grupo dissemina dizem respeito a treinos do grupo, sobre a história da capoeira, golpes, participações em eventos, tais quais o Festival de Inverno da Várzea, o Novembro Negro da comunidade 7 Mocambos, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira é uma importante manifestação cultural afro-brasileira surgida por volta do século XVII, que mistura arte marcial e música, desenvolvida por pessoas escravizadas como uma forma de combate e entretenimento, hoje é considerada patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Foi realizada uma pesquisa exploratória qualitativa com o objetivo geral de analisar como os membros do grupo de capoeira Chapéu de Couro buscam, usam e acessam a informação sobre capoeira, os objetivos específicos foram identificar quem são os/as participantes do grupo; mapear as ações desenvolvidas no grupo; examinar como o grupo busca, acessa e usa a informação sobre a capoeira e verificar como grupo estudado dissemina informações sobre a capoeira.

Pode-se dizer que os objetivos da pesquisa de analisar o processo de busca, uso e acesso da informação sobre capoeira no grupo Chapéu de Couro foram plenamente alcançados, em vista dos resultados adquiridos. Foi possível através do questionário entender como capoeiristas modernos acessam, buscam e usam informação sobre capoeira. Os resultados foram previsíveis, de certa forma, era de se esperar que as redes sociais e a internet fossem a principal fonte de informação em pleno século XXI, mas também foi interessante notar como a oralidade ainda se mantém como fonte de informação considerável.

A principal limitação da pesquisa foi o número de membros do grupo, o número pequeno de participantes gerou um número pequeno de respostas, essa quantidade pode ser um reflexo fiel de como o grupo busca, acessa e usa a informação sobre capoeira, mas não necessariamente de que toda a capoeiragem recifense faz o mesmo, portanto minha sugestão para futuros trabalhos seria uma expansão da pesquisa para além do grupo Chapéu de Couro, para buscar entender como acontece a busca, acesso e uso da informação sobre capoeira em outros grupos de capoeira na cidade do Recife.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. **Capoeira: the history of a afro-brazilian martial art**. 1.ed. Nova York: Routledge, 2005.
- COSTA, A. L.; Valério, E. D .. **Que profissão é essa? As relações entre (in) visibilidade e gênero na prática bibliotecária**. *Revista Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v.8, n. 1, p. 196–225, 2023.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FILHO, A. H. F. **Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890-1937**. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 21-22, 1998.
- FLECHA, Luis Carlos Quintino Cabral. **Do campo de mandinga à Carta do ABC - Do imaterial ao material: o corpo de saberes da Capoeira Angola-Ancestral. Mediação, performance e memória cultural**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- FONTOURA, Adriana; GUIMARÃES, Adriana . **História da Capoeira**. Maringá. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 13, n. 2 p. 141-150, 2. sem. 2002
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- IPHAN, **Roda de capoeira e ofício dos mestres de capoeira** / Instituto do Patrimônio histórico e artístico nacional. – Brasília, DF : Iphan, 2014.
- MESTRE Bimba: a capoeira iluminada. Direção: Luiz Fernando Goulart. Produção: Didado Azambuja. Youtube. 12 de dezembro de 2017. 1:17:57. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lhvgw908pn4> Acesso em :23/08/2023
- MESTRE Pastinha, rei da capoeira. Direção: Carolina Canguçu. Produção: TVE Bahia. Youtube. 1 de maio de 2019. 59:34. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aiufa8mh9fs&list=PLZHiloOP3zMgyGJACVmaTkbgsnuk2CngT&index=3> Acesso em: 23/08/2023
- OLIVEIRA, V. DE. **Frevo, capoeira e “passo”**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971.
- PASTINHA, Uma vida pela capoeira. Direção: Toninho Muricy. Produção: [s.n]. Youtube. 1 de março de 2013. 56:08 Disponível : https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI Acesso em: 26/08/2023
- PASTINHA, Vicente Ferreira. **Caderno Albo**. 1.ed. Salvador: [s.n], 1956.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea 1890-1950** .2001. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- REIS, Leticia Vidor de Sousa. **Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano, **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2.ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- TALMON-CHVAICER, Maya. **The Hidden History of Capoeira: A Collision of Cultures in the Brazilian Battle Dance**. 1.ed. Austin: University of Texas Press, 2008.

APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA

BLOCO A - CARACTERIZAÇÃO DA PESSOA RESPONDENTE

RESPONDENTE:

1. Identidade de gênero:

- a) Mulher (Cis)
- b) Homem (Cis)
- c) Mulher (Trans)
- d) Homem (Trans)
- e) Gênero Não-Binário
- f) Outra

2. Idade:

- a) 18 à 25
- b) 26 à 35
- c) 36 à 45
- d) 46 à 55
- e) Mais de 56

3. Raça/Cor de acordo com o IBGE:

- a) Preto
- b) Pardo
- c) Branco
- d) Amarelo
- e) Indígena

4. Escolaridade (Informe o curso, caso tenha cursado ou estejam cursando).

- a) Fundamental
- b) Médio Completo
- c) Médio Incompleto
- d) Superior Completo. Qual curso?
- e) Superior Incompleto. Qual curso?

5. Qual sua ocupação?

6. Qual o seu tempo de atuação no grupo?

BLOCO B – INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO

7. Como se deu a criação do grupo?

8. Que ações/atividades o grupo vem desenvolvendo ao longo dos anos?

BLOCO C – BUSCA, ACESSO, USO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

9. Quais meios de comunicação e/ou mídias o grupo utiliza para buscar, acessar e usar informação sobre a capoeira?

- Redes sociais virtuais (Instagram, Facebook, Twitter, Blog, Whatsapp)
- Livros
- Periódicos (artigos de revistas)
- Rádio e televisão
- Sites
- Outras.

10. Quais meios de comunicação e/ou mídias o grupo utiliza para disseminar informação sobre a capoeira?

- Redes sociais virtuais (Instagram, Facebook, Twitter, Blog, Whatsapp)
- Livros
- Periódicos (artigos de revistas)
- Rádio e televisão
- Sites
- Outras:

11. Quais tipos de informação o grupo dissemina?